

FACULDADE DE MEDICINA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

LÉA NEVES MOHALLEM

A ADOLESCÊNCIA E O SABER  
SABER... NÃO SABER.... SABER INVENTAR...

BELO HORIZONTE/MG

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

CURSO DE SAÚDE DO ADOLESCENTE

UFMG

## ATA DA DEFESA DA MONOGRAFIA DA ALUNA LEA NEVES MOHALLEM

Realizou-se, no dia 14 de março de 2014, às 18:00 horas, Auditório Amilcar Vianna, Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de monografia, intitulada *A adolescência e o saber: saber... não saber... saber inventar.*, apresentada por LEA NEVES MOHALLEM, número de registro 2011671544, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em SAÚDE DO ADOLESCENTE, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Cristiane de Freitas Cunha Grillo - Orientador (UFMG), Prof(a). Roberto Assis Ferreira (UFMG), Prof(a). Lilany Vieira Pacheco (EBP).

A Comissão considerou a monografia:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.  
Belo Horizonte, 14 de março de 2014.

*Cristiane de Freitas Cunha Grillo*

Prof(a). Cristiane de Freitas Cunha Grillo ( Doutora )

*Roberto Assis Ferreira*

Prof(a). Roberto Assis Ferreira ( Doutor )

*Lilany Vieira Pacheco*

Prof(a). Lilany Vieira Pacheco ( Doutora )

LÉA NEVES MOHALLEM

A ADOLESCÊNCIA E O SABER  
SABER... NÃO SABER.... SABER INVENTAR...

Trabalho apresentado

como requisito parcial  
para obtenção do título  
de Pós – Graduado em  
Medicina do Adolescente  
pela Universidade Federal  
de Minas Gerais, sob  
orientação da professora  
Cristiane de Freitas Cunha

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE MEDICINA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA SAÚDE  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Reitor: Professor Jaime Arturo Ramires

Vice Reitora: Professora Sandra Goulart Almeida

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Professor Rodrigo Antônio de Paiva Duarte

Pró-Reitor de Pesquisa: Professora Adelina Martha dos Reis

**FACULDADE DE MEDICINA**

Diretor da Faculdade de Medicina: Professor Francisco José Penna

Vice-Diretor Faculdade de Medicina: Professor Tarcizo Afonso Nunes

Coordenador do Centro de Pós-Graduação: Prof. Manoel Otávio da Costa Rocha

Subcoordenadora do Centro de Pós-Graduação: Profa. Teresa Cristina de Abreu Ferrari

Chefe do Departamento de Pediatria: Professora Benigna Maria de Oliveira

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE - SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

Coordenadora: Professora Ana Cristina Simões e Silva

Subcoordenador: Professor Eduardo Araújo Oliveira

**COLEGIADO**

Ana Cristina Simões e Silva - Titular

Benigna Maria de Oliveira - Suplente

Eduardo Araújo de Oliveira - Titular

Sérgio Veloso Brant Pinheiro - Suplente

Alexandre Rodrigues Ferreira - Titular

Débora Marques de Miranda - Suplente

Jorge Andrade Pinto - Titular

Helena Maria Gonçalves Becker - Suplente

Ivani Novato Silva - Titular

Juliana Gurgel - Suplente

Marcos José Burle de Aguiar - Titular

Roberta Maia de Castro Romanelli - Suplente

Maria Cândida FerrarezBouzada Viana - Titular

Cláudia Regina Lindgren - Suplente

Suelen Rosa de Oliveira - Disc. Titular (Agosto de 2012 a Julho de 2013)

Isabel Vasconcelos Poggiali - Disc. Suplente (Agosto de 2012 a Julho de 2013)

Ao Alberto,  
Companheiro de vida!

Aos meus filhos,  
Amor eterno...

## AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Roberto Assis Ferreira, por um encontro de caminho...

À Cristiane de Freitas Cunha, pelo acolhimento e aposta...

E pelo instante, gratidão!

## SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO-----	9
2 – RESUMO-----	10
3 – METODOLOGIA-----	11
4 – CAPÍTULO 1 – O MERCADO DE SABER-----	12
5 – CAPÍTULO 2 - O PAI...SABER TRANSMITIR -----	14
6 – CAPÍTULO 3 - A ADOLESCÊNCIA ENTRE O SABER E O NÃO-SABER-	16
7 - CAPÍTULO 4 – A PSICANÁLISE E O SABER INÉDITO-----	19
8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS – SABER INVENTAR -----	22
9 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	25

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar e formalizar teoricamente a questão do saber contemporâneo, o saber na adolescência e seus efeitos subjetivos, e o saber em psicanálise.

Freud refere-se à adolescência equiparando-a ao fenômeno da histeria. “Todo adolescente, portanto, traz dentro de si o germe da histeria” (1905). Antes da descoberta da sexualidade infantil, ele reconhece que a puberdade poderia causar problemas para o adolescente. “É tão frequente vermos adolescentes anteriormente sadios, embora excitáveis, adoecerem de histeria durante a puberdade, que devemos perguntar a nós mesmos se esse processo não poderia criar. Uma predisposição para a histeria quando ela não está inatamente presente”.

Era um momento em que pensava que a sexualidade despontava na puberdade. Com a descoberta da sexualidade infantil, a puberdade perdeu o destaque. Ainda aparece em seu artigo sobre Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905) como última etapa da sexualidade. Metamorfose da puberdade.

A tarefa mais difícil deste momento é o desligamento da autoridade dos pais.

Transição. Define a passagem: o começo de um adulto que remete ao fim de uma criança.

Sabemos ser este um tempo em suspensão, onde o adolescente vive seu mundo interno em erupção. O adolescente - “aborrecente” em crise de identidade, aponta profundas mudanças. Pretendo, neste trabalho, estudar sobre esta crise vivida. “Sofrimento sempre moderno” atualizado em uma sociedade globalizada.

Como a sociedade intervém com o seu saber? E seus efeitos sobre a subjetividade? Adolescência estendida, generalizada em um mundo cibernético. O que nos diz a psicanálise sobre esta questão fundamental para o ser humano? Apostar no um a um, no saber inédito, quando algo novo pode se estabelecer.

A experiência da psicanálise permite aos adolescentes entender que seu sofrimento é reflexo do novo desejo que os inquieta. Entre o “despertar e o exílio” o adolescente precisa construir um lugar. Não importa qual, mas um lugar.

A saber...

## RESUMO

Foi realizado um estudo teórico para investigar os efeitos subjetivos da Adolescência. Tempo em suspensão, mundo interno em erupção. Estranheza. O adolescente - “aborrecente” em crise de identidade, aponta profundas mudanças. Crise de desejo. “Sofrimento sempre moderno” atualizado em uma sociedade globalizada. Adolescência estendida, generalizada em um mundo cibernético; comunicação por rede social, plugado 24 horas; sabe-se muito mas fracassa na escola; ensina pais sobre o mundo virtual, mas não anda sozinho na rua; com a sua intimidade exposta, circulando no imaginário popular, mas se sentindo solitário... Entre o “despertar e o exílio” o adolescente precisa construir um lugar. Não importa qual, mas um lugar. A saber...

Palavras-chave: adolescência, saber, sociedade globalizada, crise de identidade, desejo

## METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho foi realizada através da formalização entre a revisão de publicações teóricas sobre o tema e escuta da prática clínica.

## CAPÍTULO 1

### **O mercado de saber...**

O mercado de saber...

Tiranía do saber. Tiranía que se produz visando não só o acúmulo mas também a homogeneização dos saberes. Direção operada pelo discurso da ciência, reduzindo os saberes a um mercado único, sustentado em um imperativo categórico: “continua o saber”.

Lacan, na Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o Psicanalista da Escola antecipa que o “nosso futuro de mercado encontrará seu equilíbrio numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação”. Nesse processo de eliminação das diferenças operada pela mutação do capitalismo (Lacan em Milão, 1972) podemos distinguir duas conexões: o surgimento do discurso da ciência, com o mercado capitalista e o declínio imaginário da função paterna.

O discurso da ciência sustenta a idéia de que “não há mais impossível, que a ‘perda’ pode ser recuperável”. Como o sofrimento, hoje, gera um mercado de soluções, estamos diante de necessidades artificiais criadas na tentativa de recuperar o possível mas também o impossível.

Através da ciência encontramos descobertas antes inimagináveis. Soluções e transformações inquestionáveis e inegáveis.

O sujeito contemporâneo evita se interrogar, não quer saber e nem responsabilizar-se. “Não tô nem aí...” O saber fica depositado nos “experts”, especialistas preparados para responder, diante das múltiplas possibilidades, qual é o melhor caminho para a pessoa.

Através do saber “expert” encontra-se um nome. Avaliações e diagnósticos que, ao representar o sujeito, traz um certo alívio: encontra-se uma “identidade”.

“Sou ...”. Hiperativo, anorético, deprimido...Diante do desamparo atual e sideração experimentadas em situações de urgência, encontrar um “lugar reconhecido” diante de inúmeras possibilidades oferecidas pelo mercado de saber organiza – sentido, um lugar ao qual o sujeito pode se identificar.

Desfiladeiros de corpos sofridos. Corpos que se transformam, se emprestam, se recusam, se marcam, se tatuam e que, hoje, podem ser revirados ao avesso. Tecnologias, exames, testes e aparelhos que revelam o “destino da pessoa à partir de resultados encontrados. Selam o futuro, antecipam possibilidades e soluções inimagináveis.

Um saber no real. Um saber que “explica” o real. Saídas pela ciência através de medicalização (de penúltima geração), da busca da origem genética, adequando pessoas em categorias, priorizando quantidade, passível de controle. Adicionar, deletar ou excluir pessoas...nas relações não alivia a angústia.

A busca do universal, dos agrupamentos pela semelhança, possibilita “soluções” através do para todos, eliminando a singularidade. E, para alguns, estas respostas bastam.

## CAPÍTULO 2

### O Pai... Saber transmitir

“És Presente como um vento

que corre entre portas abertas”

Hilda Hilst

Depois da Revolução de Copérnico e Darwin, Freud, a partir da descoberta do inconsciente, marca a terceira ferida narcísica da humanidade ao revelar o descentramento do sujeito, a falsa soberania da consciência.

Com a Revolução Industrial o discurso da ciência passa a ocupar uma posição estratégica de portar a verdade, e a tecnologia se transforma em seu instrumento-chave do saber. O discurso da ciência funda a modernidade e Lacan sustenta que a psicanálise é efeito desta. Só é possível o discurso da psicanálise quando o discurso da ciência falha.

Em seu texto *A Psicanálise e a Crítica da Modernidade*, Joel Birman (HERZOG,2000:122) propõe que “a fascinação do sujeito pela atualidade e pela transformação contínua do real que marcam o modernismo, ... pelo desejo e pelo descentramento, tem como correlato o enunciado de que a produção fundamental da modernidade é o desamparo”.

Ele articula a ideia de Freud de que a modernidade produziria o desamparo da subjetividade com a de Lacan que sustenta a emergência da psicanálise relacionada à humilhação infligida ao pai.

Freud e Lacan buscaram formalizar a questão do pai: seu lugar, sua função na constituição do sujeito, na família.

A partir do registro de três grandes períodos na história da família podemos observar como o poder paterno foi se restringindo. No primeiro tempo era a família “tradicional”, que tinha como função assegurar a transmissão do patrimônio. No segundo tempo a família “moderna”, que se sustentava em torno do amor romântico. Introduz a divisão do trabalho entre o casal e a divisão da educação dos filhos com o Estado. No terceiro tempo surge a família “pós-moderna”, na qual o valor se localiza nas realizações do individual e sexual. Nesta perspectiva remetemos à cultura do narcisismo e da sociedade do espetáculo como instrumento para que possamos pensar as novas formas de subjetivação, onde a frase “Você não pode tudo” está excluída. Os valores na família se deslocaram e continuam em permanente deslocamento.

O poder paterno vai, ao longo dos tempos, se pulverizando e com a “morte de Deus” o ser humano fica só, diante de seu desamparo. A sustentação simbólica da autoridade perdeu sua consistência imaginária, tornando os ideais e limites transmitidos relativizados.

A questão do pai persiste.

O que é um pai? Lacan diz que nenhum ser consciente sabe o que é ser um pai. Mas diz que a melhor herança de um pai é o limite da compreensão, o “cultivo de um silêncio necessário entre as gerações”. Freud dá a isso o nome de castração.

Diante de tantos avatares e riscos, o que vemos como fundamental ao se ter um filho é supor ali um sujeito. E supor ali um sujeito significa antecipá-lo, deixando que ele entre no mundo que o precede, abrindo espaço para que possa construir a versão-ficção de sua história.

No que concerne à constituição subjetiva, a criança precisa do olhar desse Outro. Insubstituível é o desejo deste Outro que confere a ela um lugar, juntamente com a responsabilidade que impõe os limites deste lugar. Sustentar “esse sentimento de que ela pertence a uma família”, com a dignidade e o respeito de se sentir amada. Ter um lugar no desejo do Outro.

Em seu seminário O Sinthoma, Lacan marca a ambiguidade do lugar do pai. Diz que “o pai faz o homem prosperar e o homem é a finalidade do pai”. Senão, o filho, prisioneiro em uma infância eternizada, fica preso a um lugar insustentável e, em sua angústia, fica sem saída. O sujeito precisa prescindir do pai, à condição de servir-se dele.

O pai permanece como aquele que deve transmitir um certo saber fazer com o mundo. Saber transmitir e ensinar a comunicação. (Lacadée, Curinga, 23, invenções paternas – pag 36). Como nos diz LACAN, pai é aquele que transmite a eficácia de um dizer.

## CAPÍTULO 3

### A adolescência entre o saber e o não saber

“...Porque, se não sabem,  
disso é feita a vida,  
só de momentos,  
não percam o agora...”

Jorge Luiz Borges

A adolescência. Momento de transição em que o sujeito fica entre continuar seu ser de criança ou tornar-se homem ou mulher. “Tenho medo do futuro. Não sou criança, nem mulher”. Como o adolescente pode dizer sim ao novo que se apresenta e insiste? É o momento de uma escolha forçada, decisiva, que inclui a dimensão inédita de uma...insondável decisão.

“Crises de identidade que se tornam crises de desejo”.

Para Freud, em *Romances familiares*, a tarefa do adolescência é a de “destacar-se da autoridade de seus pais”. É uma decisão importante mas que gera sofrimento.

O sujeito se confronta com o seu mais íntimo, onde o mundo familiar se volta estranho, “unheimlich”. É o significado de “falta de lugar” no seu processo

de metamorfose. Nem lá - criança; nem cá - adulto. Diante de qualquer pergunta, a resposta que se escuta: "Normal." Diz sem dizer. Desvencilhar-se de seu ser criança, da autoridade de seus pais, sem saber o que lhe espera...

O adolescente, entre se sentir protegido e em busca de autonomia, encontra-se diante de um desafio: experimentar seu lugar de sujeito. Lacadéenos diz que ele testa a fronteira entre o fora e o dentro, joga com as proibições sociais, estuda seu lugar no mundo em que ainda não se reconhece por completo. Incompreensível por si e pelos os outros, deixa sua marca pela ambivalência, pela provocação.

Ser reconhecido em sua individualidade, encontrar um lugar, experimentar o valor e o sentido de sua vida e suas relações, fazem parte de suas expectativas ao mesmo tempo em que sofre e luta para se livrar do que vem do Outro. "Sou assim mesma ou quero agradar?" Reivindica a demanda de respeito. Quer ficar só em seu quarto. Refúgio. Quer a bagunça em seu espaço. Ninguém o entende. Não se reconhece nesse jeito novo, em um novo corpo. "Não quero crescer."

"Chegastes, leitor, a um determinado período de sua vida, em que se observa, de repente, que sua maneira de ver as coisas muda totalmente<sup>4</sup>, como se todos os objetos vistos até então se apresentassem, de repente, sob um ângulo desconectado? Essa espécie de metamorfose moral se produziu em mim, pela primeira vez, durante nossa viagem, à qual remonta ao começo de minha adolescência". LievTóstoi

"A infância o abandona de repente". O encontro sexual se apresenta. O corpo torna-se um vulcão. Inventar caminhos: beijo triplo, "ficar" passa a ser competição. O novo se impõe e ele não saber o que fazer. A liberdade aponta a possibilidade de escolhas e isso abre perspectivas de encontrar um caminho onde precisa fazer como o grupo, para ser 'aceito' e fazer parte da tribo, em direção a um caminho novo, singular, pelas vias do desejo.

Mas quando, em vez de desejo, o que o adolescente encontra é angústia? “O vazio não cabe em mim.” Medo que o paralisa e o lança no caos, sem palavras para entender?

Essa delicada transição pode precipitá-lo no horror. Há um corte. Horror ao ser vacilado em suas certezas que até então davam à ele certas garantias imaginárias ante o desamparo. “A vida não tem conclusão.” “Já não é o que era!” “Para que viver?” “Quando eu era criança eu não pensava em nada.” É o tempo da sideração, da catástrofe subjetiva. Há uma suspensão e o embaralhar do tempo. O tempo passado invade, antecipa o futuro e o presente fica imperativo, sem lugar para se alojar, sem possibilidade de se inscrever.

“Perde-se o chão”.

Marca o instante de ver. Tempo de surpresa. Miller se pergunta sobre o que a surpresa qualifica? Ela diz respeito a um momento não homogêneo em relação ao restante do tempo.

Faz-se necessário construir um sentido e a questão do “é tempo que cura” ecoa como um antídoto a este impossível de suportar.

“Só o tempo dirá”. Em que o tempo é tão sábio? Tempo de dar sentido ao traumático, tempo de compreender, podendo ser também o risco de eternizar o trauma, se fixando em sentidos alienantes. O sujeito passa a ser o que o “traumatizou”: adolescente sem causa, agressivo, irresponsável.

O impossível torna-se acontecimento. O Outro não está lá mais como sustentação subjetiva. Neste hiato podem surgir perguntas:

“Quem sou eu?” “Não sei o que quero?!” “Tenho medo? Quero morrer...”

Angústia. Não saber mais quem você é para o Outro. Onde ele está? Onde? O corpo fica em excesso, “desconjuntado”. Não tem lugar para tanta dor...o que pode gerar o risco e a ruptura do laço social.

Com a presença e intervenção do psicanalista pode-se criar a demanda, possibilitar o fazer falar a diferença do sujeito que sofre.

“O psicanalista, no campo da clínica do real, deve ser um verdadeiro praticante do imprevisível e considerar o real como estando no princípio de uma possível liberdade. Sustentar a hipótese do real, da descontinuidade que ele implica, leva-nos a ver a causalidade do sujeito do lado da resposta do sujeito como resposta do real. Resta, no entanto, articular a dialética entre o sujeito como resposta do real e as respostas do sujeito em face do real. (ANSERMET,2003)

“Onde há escolha, há ética”.

Portanto, diante da urgência subjetiva é função do analista, ao tratar o insuportável, apostar na possibilidade de o sujeito realizar o ato de sua assunção subjetiva através da emergência do desejo.

## CAPÍTULO 4

### **A psicanálise e o saber inédito**

“A ciência pode classificar

os órgãos de um sabiá,

mas não pode medir

seus encantos” M. B.

A ciência é sustentada, assinala Lacan em Radiofonia, como ideologia da “supressão do sujeito”, distraindo a fome no lugar do que falta na relação.

Não podemos recusar os benefícios terapêuticos já conquistados pela Ciência e os a se conquistar, mas não podemos perder de vista que este discurso “faz estalar todos os outros discursos” (MILLER, J.A.,2003)

E através da ciência, Freud pôde inventar a psicanálise. E é deste lugar que atualmente nos perguntamos sobre os efeitos do discurso da ciência em relação ao saber do sujeito.

Como diz Lacan, a ciência é a condição da psicanálise, e que o psicanalista tem como tarefa “estar à altura da subjetividade da época”.

O desconserto introduz a subjetividade. O que falta na relação insiste.

Testemunho, como psicanalista, situações de crise vividas por adolescentes. O Real é desvelado. Acontecimentos de discurso ligados aos acontecimentos de corpo. “Eu tinha um corpo, agora tenho outro!”. “Estou perdida, não me reconheço em meu novo corpo!”. “Que metamorfose é esta!”

Adolescentes e familiares, expostos em sua singularidade. Histórias e segredos revelados. O privado torna-se público. Perdidos em suas “causas perdidas”, as pessoas demandam um saber que os façam reconhecidos em seu limite: do corpo e também no corpo. Corpos atravessados pelos discursos.

Tenho constatado, dia a dia, em nossa clínica, que é através do discurso da ciência que o sujeito encontra uma possibilidade de clamar uma brecha para sua singularidade.

Os profissionais pedem a intervenção do psicanalista. Ele pode ser convocado como mais um saber de mercado. Lugar daquele que “sabe” sobre...

Em sua função, o psicanalista acolhe as demandas, mas não responde pela via da política do laço. Não responde como um especialista a mais. Manifesta-se pelo ato que o determina, “ato que se apresenta como uma incitação ao saber”.

A psicanálise ocupa-se do que não funciona. É quando algo não responde que o sujeito pode ser escutado de um outro lugar. É através da apresentação do sofrimento subjetivo que podemos considerar o retorno da função do sujeito, excluída pelo discurso da ciência.

Pessoas desesperadas chegam no consultório pedindo respostas objetivas, para problemas nem tanto. Através da formalização do trabalho do psicanalista abriu-se a possibilidade de “abrir a brecha” para a fala de quem sofre. E este efeito terapêutico é inegável.

Diante de contradições entre um fato e um dito, um furo se apresenta. O psicanalista pode aí se encontrar, acolher a surpresa e em sua intervenção, com o valor do ato, criar um enigma. Um paciente se queixa de seu medo de morrer à qualquer hora. Leva susto ao associar que seu irmão mais velho

morreu quando tinha sua idade. “Crises de identidade que se tornam crises de desejo.”

Com sua presença, o psicanalista pode “encontrar no próprio impasse de uma situação a força viva da intervenção”. No encontro com um psicanalista, o desamparo do ser humano se apresenta e se revela, os fantasmas povoam o pensamento; a angustia, presentificada, não engana. O furo no saber se apresenta em cena.

“O trabalho com questões tão delicadas... ressalta também o quanto a ética do ato analítico só opera a partir da oferta feita à um sujeito para que venha falar.”(LACADÉE, 2011)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### **Saber inventar - Do excesso à exceção**

*“Nossos complexos  
são a fonte de  
nossa fraqueza  
mas com frequência  
são também a fonte  
de nossa força”.*

Freud

No consultório chegam também adolescentes que “sabem tudo” sobre si. Pesquisas pela internet oferecem múltiplas referências, informações e esclarecimentos. Saber estandarizado. Porcentagens, Riscos calculados... “Garantia de saber”.

O impossível apresenta-se pela ruptura do que estava planejado. “Meu filho estava fazendo intercâmbio e lá entrou em crise. Chorou uma semana, até voltar. E agora, não sabe porque, mas continua chorando! O que está acontecendo com ele?”

Pedem para adormecê-lo? Para voltar como era antes? Para que tenham a quem dirigir sua urgência subjetiva? Pedem para que ele e também eles suportem o saber – não saber?

Ao falarem, começam a perceber que o filho já vinha dando sinais, mais calado, mais sozinho... Com os elementos soltos começam a buscar sentido ao que não tinha sentido. Alivia a angústia.

A psicanálise, aposta Eric Laurent, “tem lugar toda vez que há algum impossível a ser tratado, sustentando um saber fazer... com o que surge, com a surpresa”.

Em Proposição de 9 de outubro, Lacan marca que “o não sabido se ordena como o marco do saber”. Percebem que o filho estava pedindo ajuda. Perguntas, perplexidade, exclamação. O adolescente, diante do analista, que introduz perguntas sobre o que aconteceu, sobre as trilhas e brechas, abre a possibilidade para que possa retomar sua palavra e dizer o que ninguém pode dizer em seu lugar.

“A presença do analista pressupõe a dignidade da palavra, condição de toda subjetividade possível”.

Do excesso na angústia à exceção na singularidade.

A presença do psicanalista e seu “despojamento estratégico do saber” tem como efeito propagador, no um a um, um laço social de exceção. Este despojamento do saber não pode ser confundido com “incompetência, ignorância, nem ingenuidade”.

Em Variantes do tratamento... Lacan afirma que o psicanalista deve saber “ignorar o que sabe”. Ignorância doura. Esse “não saber” é a “forma mais elaborada do saber”, já que visa a elaboração do sujeito.

“O psicanalista é sábio de um saber que não pode cultivar”. Gaio saber. “Posição que consente, admite o impossível de dizer”. (LACAN,2003)

Nesse sentido, podemos refletir que o psicanalista precisa sustentar que não é possível responder à todas as demandas. Que a psicanálise, em sua

essência está destinada ao fracasso. E como diz Lacan, em sua conferência em Estrasburgo em 1968, é aí que fundamenta o seu sucesso.

É essa insistência que faz perseverar o saber no real pela ciência e seu mercado de saber mas também o real no saber pela psicanálise, apostando no saber inédito, quando algo novo, witz, pode se estabelecer à partir de um acontecimento do discurso, “reconhecido e autenticado pelo Outro”.

Encontrar um caminho no saber, encontrar um lugar no não-saber, saber inventar.... Suportar o insuportável.

Isso é coragem!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSERMET, François. ***A clínica da origem: a criança entre a medicina e a psicanálise***. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

BERNARDES, Angela C. ***Tratar o impossível: a função da fala na psicanálise***. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

BIRMAN, Joel. ***A psicanálise e a crítica da modernidade***, p. 109-130, IN Herzog. *A psicanálise e o pensamento moderno*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

\_\_\_\_\_. ***Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação***. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FREUD, Sigmund. ***Entrevista concedida a George Sylvester Viereck***, in *SBPSP, n.15, São Paulo, 1988*.

\_\_\_\_\_. ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade***(1905). In: *Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FRUCHTNICHT, Viviana. ***El Psicoanálisis, la modernidade, la posmodernidad: éticas de lo ideal, ética de lo real***. Buenos Aires: GramaEdiciones, 2004.

GLAZE, Alejandra. **Uma Prática de la época**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2005.

HERZOG, Regina (org). **A psicanálise e o pensamento moderno**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

JULIEN, Philippe. **Abandonarás teu pai e tua mãe**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

KUPERWAJS, Irene. **Psicoanálisis com niños 3 – Tramar lo singular**. Buenos Aires: GramaEdiciones, 2010.

KAPLAN, Robert. **O nada que existe: uma história natural do zero**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

LACADÉE, Philippe. Revista Curinga. **Invenções Paternas**. Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, n. 23, 2006.

\_\_\_\_\_. **O despertar e o exílio – ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

\_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Proposição de 9 de outubro**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Variantes do tratamento**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. **O seminário Livro 4: a relação de objeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Radiofonia.** In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Televisão.** In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAURENT, Éric. **As paixões do ser.** Bahia. Escola Brasileira de Psicanálise, Instituto de Psicanálise da Bahia. 2000.

\_\_\_\_\_. **A sociedade do sintoma.** A psicanálise, hoje. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

LEBRUN, Jean-Pierre. **Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica dos social.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

MILLER, Jacques-Alain. **A lógica na direção da cura.** Seminário realizado durante o IV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano- demanda e desejo na entrada em análise. Belo Horizonte, 1993.

\_\_\_\_\_. **Matemas I.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

\_\_\_\_\_. **A erótica do tempo.** Org.: José Marcos de Moura e Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2000.

\_\_\_\_\_. **El lugar y ellazo.** Buenos Aires: Paidós, 2003.

RINALDI, Doris; JORGE, Marco Antônio Coutinho – **Saber, verdade e gozo** – leituras de O seminário 17, de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.